

INFÂNCIAS, CRIANÇAS: LEMBRANÇAS DO TRABALHO NA ROÇA (CRICIÚMA 1930 – 1950)

**TITLER: CHILDHOOD, CHILDREN AND CHILD LABOUR: MEMORIES OF THE
WORK ON THE FARM-(CRICIÚMA 1930-1950)**

Simone Caetano Fernandes¹

Marli de Oliveira Costa²

RESUMO: Esse artigo aborda memórias de pessoas que viveram sua infância entre os anos de 1930 a 1950. Pergunta-se: o que era viver a infância em ambiente em que trabalhava na roça? O objetivo desse trabalho é compreender como as crianças lidavam com a obrigação de trabalhar na roça, conciliando trabalho, estudo e brincadeiras. A metodologia utilizada foi a pesquisa documental, resultados de entrevistas realizadas entre 1999 a 2003 que possuem relatos de pessoas que moram em Criciúma e que recordaram como foi sua infância e o trabalho na roça, realizados por uma historiadora da UNESCO e pelo Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação GRUPHEME. Para tanto, necessitei dos conceitos de memória, história oral, infância, tendo por referências: Ecléa Bosi (2004), José Carlos Sebe Bom Meihy (2005), Marli de Oliveira Costa (2009), (2000), (2001), Philippe Áries (1981). Como discuto trabalho infantil utilizei também o Estatuto da Criança e do Adolescente (2010) e Miguel Arroyo (2015) para atualizar essa situação. Percebe-se pelas lembranças que embora tenham trabalhado desde criança conseguiram inventar brincadeiras e que a frequência na escola foi prejudicada, devido as exigências do trabalho na roça.

PALAVRAS CHAVE: Infância. Trabalho. Memórias.

ABSTRACT This article discusses memories of people who have lived your childhood from 1930 to 1950. Question: what was living his childhood in environment in which he worked on the farm? The objective of this work is to understand how children dealt with the obligation to work on the farm, combining work, study and play games. The methodology used was the documentary research, results of interviews conducted between 1999 to 2003 that have reports of people who live in Criciúma and who recalled how was your childhood and work on the farm, performed by a historian of UNESCO and by the research group History and memory of GRUPHEME Education. To do so, it needed the concepts of memory, oral history, childhood, references: Ecléa Bosi (2004), José Carlos Sebe Bom Meihy (2005), Marli Darvish (2009), (2000), (2001), Philippe Aries (1981). How to discuss child labour used also the Statute of the child and adolescent (2010) and Miguel Arroyo (2015). Seeking update this situation, for the

¹ Graduada em Pedagogia. moc@unesc.net

² Doutora Em Educação. E-mail moc@unesc.net.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESCO

memories that although they have been working since I was a kid were able to come up with jokes and the frequency was impaired because of the demands of the work in the fields.

KEYWORDS: Childhood. Work. Memories.

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo trata de um estudo sobre o trabalho infantil na roça em Criciúma entre os anos de 1930 a 1950, a partir de entrevistas realizadas por pesquisadores da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Meu interesse na temática deu-se durante a disciplina Teoria e Saberes da Infância. Nessa disciplina uma das discussões era o trabalho infantil. No entanto, me instigava conhecer mais essa realidade no passado, por ter um entendimento de ter sido experiências de algumas pessoas que tenho laço de parentesco. Costumeiramente as ouço falarem das dificuldades de suas infâncias porque tinham de trabalhar na roça. Surgiu então, a necessidade de pesquisar relatos e a importância das experiências passadas de pessoas que começaram a trabalhar na roça muito cedo em Criciúma e assim compreender essas infâncias. A partir dessas questões, surgiu o problema: Como era o trabalho na roça na infância de crianças que nasceram entre os anos de 1930 a 1950 em Criciúma.

O objetivo do estudo é compreender como as crianças lidavam com a obrigação de trabalhar roça. Para tanto, foi necessário saber se frequentavam a escola, descrever possíveis brincadeiras realizada durante o trabalho, procurar quais responsabilidades eram atribuídas a elas e, ainda examinar o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) sobre o trabalho infantil, para refletir a realidade delas, com o olhar do tempo presente.

Para alcançar os objetivos utilizei como metodologia a pesquisa documental. Os documentos investigados foram as entrevistas realizadas a partir da história oral e transformadas em documentos por algumas pesquisadoras da UNESC. A História Oral como metodologia, compartilha experiência do passado avaliando-as no contexto do presente, assim:

A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança do conceito de história, mas, mais do que isso, garante sentido social a vida de depoentes e leitores, que passam a entender a sequência histórica e se sentir parte do contexto em que vivem. (MEIHY, 2005, p.19).

Para alcançar uma mostra do trabalho infantil em Criciúma trabalhei com entrevistas realizadas nos seguintes bairros: Primeira Linha, Santo Antônio, Verdinho e Linha Batista. Esses bairros foram alcançados por meio dos trabalhos da historiadora Marli de Oliveira Costa e do Grupo de Pesquisas em História da Educação-Grupheme entre os anos de 1999 a 2003. Li as entrevistas e selecionei uma entrevista por bairro que contempla a temática.

Para compreender as lembranças dessas pessoas sobre suas infâncias, necessitei do conceito de memória e história oral, tendo por referências: Ecléa Bosi (2004), José Carlos Sebe Bom Meihy (2005), Marli de Oliveira Costa (2009), (2000), (2001).

Como o tema abordado é o trabalho infantil foi também preciso revisitar os conceitos de infâncias, crianças e trabalho infantil. As principais referências foram: Marli de Oliveira Costa (2009), Maria Lúcia de Arruda Aranha (1989), Sônia Kramer (2003), Miguel G. Arroio (2015), Philippe Ariés, (1981), Moysés Kuhlmann Jr. (2001), Manuel Jacinto Sarmiento (2004) e Antônio Gomes Ferreira (2005).

As entrevistas consultadas tratavam de vários assuntos, então foi preciso em um primeiro momento realizar alguns recortes onde os narradores falavam dos trabalhos na roça. Depois perceber dentro dessas lembranças os destaques que cada um colocava e agrupar por temas como: trabalho infantil na roça e invenção de brincadeiras, trabalho infantil e a frequência escolar. Antes, porém foi preciso revistar o conceito de crianças e infâncias na modernidade e discutir as leis de proteção à infância no Brasil.

Assim, o artigo foi dividido a partir da seguinte sequência: Em um primeiro momento apresento as discussões em torno do conceito da construção do conceito de infância na modernidade e a conquista dos direitos das crianças no século XX. Depois apresento o trabalho infantil na roça em Criciúma a partir das memórias dos depoentes.

2 DO CONCEITO MODERNO DE INFÂNCIA A CONQUISTA DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS BRASILEIRAS.

O conceito moderno de infância deu-se a partir do século XV, onde a vida das crianças começou a receber certa importância. Antes desse período as crianças não eram percebidas pela sociedade e de certa forma por sua própria família, pois morriam muito facilmente, isso não significa que não tivessem afeto por elas, mas que suas particularidades não eram levadas em conta.

Na sociedade medieval, logo que a criança passasse o período de amamentação era misturada com os adultos vivenciando o contexto do mesmo, dessa forma seu desenvolvimento era por meio das relações estabelecidas com mais velhos, aprendia ofícios, trabalhava e usava roupas de adultos sendo considerados como adultos em miniaturas. “Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes.” (ARIÈS, 1981, p.99), de qualquer modo, as crianças eram respeitadas conforme as suas necessidades, mas fazia parte do contexto do mundo adulto, sendo que este não tinha qualquer restrição de assuntos que era inapropriado para as crianças que estavam presente no momento (ARANHA, 1989).

Com o passar do tempo as crianças tornaram-se alvo de preocupação com sua existência e seu futuro, passaram a ter importância. Se nos séculos XV e XVI não tinha preocupação em separar certos assuntos da criança, sendo que essa dormia na mesma cama com os pais e até mesmo com aqueles que cuidavam delas, surge então um novo sentimento de infância e também um novo sentimento de família a partir do século XV, assim receberam um lugar de centralidade na família.

Áries (1981), mostra o processo das famílias a partir, principalmente do século XV em estreitarem os laços de sangue com a criança desde o momento do nascimento, entendendo que essa era um ser frágil e precisava de sua família para oferecer cuidados em seus primeiros momentos de vida, “a predominância de temas como o parto, a morte, ou então de um momento simples da vida cotidiana, mostra uma tendência nova do sentimento, mais voltada para a vida privada.” (ARANHA, 1989, p. 98).

Por volta do século XVII e século XVIII começou o sentimento moderno, que diz respeito a compreensão das particularidades das crianças se disseminou pelo ocidente, ao menos na França, como escreve Áries (1981) começou a surgir também o sentimento de

infância importante para no meio em que está inserida. Áries (1981), fala que a infância é uma construção histórica social, pois nem sempre foi vista como os dias de hoje.

A infância é uma fase da vida em que se é criança. As crianças têm experiências e suas próprias representações, e não somente uma demonstração do adulto sobre essa fase da vida.

Infância evoca um período da vida humana; no limite da significação, o período da palavra inarticulada, o período que poderíamos chamar da construção/ apropriação de um sistema pessoal de comunicação, de signos e de sinais destinados a fazer-se ouvir. O vocabulário criança, por sua vez, indica uma realidade psicobiologia referenciada ao indivíduo. (KUHLMANN, 2004, p. 16).

A modernidade sonhou outro mundo para as crianças. Elas deveriam estudar, brincar conviver com crianças da mesma faixa etária, sendo essa um ser individual com suas particularidades. Para tanto as escolas foram separadas em classes por idade sendo a criança e o jovem separado do adulto. Por volta dos séculos XVI e XVII a escola surgiu como forma de preencher o tempo disponível que a criança tinha a fim de sucumbir vícios e outros costumes que eram lícitos apenas para as pessoas adultas, sendo também lugar de disciplina e castigos para os alunos que eram controlados, disciplinados e alienados de qualquer opinião (ARANHA, 1989).

O colégio moderno foi instituído para acolher e educar moralmente as crianças. Com a transição do século XIX e XX, mesmo que a escolarização fosse obrigatória não aconteceu de forma igualitária, pois a burguesia sabia que para ter o poder precisava do conhecimento, e isso era papel da escola, o conhecimento precisava também suprir as necessidades tecnológicas da sociedade. A educação deveria ser submissa as ordens da ortodoxia católica e a ideologia das elites, mas também se tornou útil e beneficiou outras classes sócias e interesses contrários da mesma. “Como o ensino elementar era necessário ao funcionamento duma sociedade moderna, devia-se providenciar que ele apenas se cingisse a fornecer uma formação socialmente útil.” (FERREIRA, 2005, p.191), favorecendo a burguesia e o capitalismo industrial.

Conforme Costa (2009), o século XX foi um século de grandes transformações e foi considerado o século da criança porque foi nesse século que as crianças conquistaram seus

direitos. A conquista desses direitos alcançou Brasil e, conseqüentemente o estado de Santa Catarina.

Nas primeiras décadas do século XX médicos, educadores e políticos, intensificaram as preocupações que haviam sido iniciadas no final do século XIX com a assistência as crianças pobres no Brasil. Criaram programas de assistência e educação, envolvendo orientações para as mães. Um dos marcos foi o primeiro Congresso de Proteção à Infância realizado no Rio de Janeiro, em 1921, inspirado em congressos do mesmo gênero realizados na Europa e América. Esse congresso definiu várias ações relacionadas à infância e sua proteção. Assim as leis sobre proteção e infância foram aprimoradas, sendo autorizado em 1927 o Código de Menores que proibia o trabalho de crianças até 12 anos e sua impunidade até os 14 anos (COSTA, 2009).

Com esses novos olhares para as particularidades das crianças, ao longo do tempo foram ingressando na sociedade atual identificando e respeitando sua infância em todos os aspectos, sendo “que unidades de referência cultural foram produzidas na modernidade a fim de estabelecer com cada vez maior precisão de diferenças entre adultos e crianças. ” (ARROYO, 2009, p. 28).

Mesmo com a consciência que a sociedade foi desenvolvendo sobre a importância da infância para a criança, muitas delas ainda são alvo do trabalho infantil, pois essa prática ainda permaneceu por muito tempo e dependendo da região ela ainda existe. Pois o trabalho ainda é um meio de sobrevivência em diversos meios familiares. “A relação tão estreita entre vida, desemprego, trabalho precário, desumano e formação-deformação passou a merecer maiores pesquisas e reflexões pedagógica nos estudos sobre o trabalho como educativo. ” (ARROYO, 2015, p. 22).

No Brasil a relação das crianças com o trabalho ainda é muito frequente, ignorando ainda parte da sua infância. Conforme Arroyo 2015, a educação está mais atenta a estas questões inserindo em seus currículos escolares essa temática com a seguinte pergunta: qual a importância de conhecer a persistência da exploração do trabalho da criança e do adolescente e conhecer em que trabalhos sobrevivem os (as) alunos (as) trabalhadores (as)? E, o autor ressalta que é utopia discutir sobre trabalho na prática da docência sem falar do

trabalho infantil, seria essa incompleta, pois trabalho infantil fez parte do passado e ainda é uma realidade ao contrário do que a maioria da sociedade acredita:

As reformas na organização do trabalho, na definição de idades para o acesso ao mundo laboral e até o ECA, condenando o trabalho da criança e do adolescente, não tem conseguido sua eliminação, e o declive continua mais lento do que o esperado e devido. (ARROYO, 2015, p.27).

Podemos perceber que, mesmo com tanta dificuldade ao longo do século, tivemos algumas conquistas em relação ao trabalho infantil e aos direitos das crianças, o ingresso dessas na escola e a proteção integral da criança e do adolescente. Um dos marcos para proteção das crianças no Brasil é o ECA, que foi promulgado em 1990 e reuniu uma grande população para inibir os mais conservadores do antigo código de menores de 1979 derrubando o mesmo, regularizando algumas questões relevantes e tornando mais acessível à população de interesse (KRAMER, 2003).

Conforme Kramer, 2003 mesmo que essa lei tenha alcançado grandes avanços, ainda continua longe da ideia inicial, pois os órgãos públicos ainda ficam alheios de muitas situações destacando que a sociedade vive uma grave crise relacionado a esses assuntos. Mas como nos anos de 1950 ainda considerado normal as crianças trabalharem, veremos a seguir como foi o trabalho infantil na roça em Criciúma nos anos de 1930 a 1950, onde o trabalho nas minas de carvão e a agricultura eram as principais atividades econômica dessa cidade.

3 A ROÇA COMO LOCAL DA ECONOMIA EM CRICIÚMA NOS ANOS DE 1930 - 1950.

O trabalho no carvão e na agricultura foram muito importantes para a sobrevivência de muitas famílias em Criciúma nas décadas de 1930-1950. Criciúma, a exemplo de vários municípios brasileiros teve sua economia inicial firmada na agricultura e um pequeno comércio que aos poucos foi se expandindo. Por exemplo, no bairro Primeira Linha o ex-prefeito Marcos Rovaris (1926-1930) no início do século XX implantou a primeira fábrica de banha que exportava para a cidade do Rio de Janeiro (COSTA, 2000).

Embora a economia da cidade tenha se modificado muito ao longo do século XX, principalmente depois da inserção das atividades carboníferas alguns bairros da cidade³ até os dias hoje possuem áreas de agricultura, como o caso, dos bairros, cujas entrevistas estou apresentando neste artigo, Primeira Linha, Santo Antônio, Verdinho e Linha Batista. Esse tipo de trabalho envolvia as crianças como já foi mencionado anteriormente. O sociólogo da educação Manuel Jacinto Sarmiento coloca que nos dias atuais, as crianças têm participado da economia de várias formas, pelo trabalho infantil e pelo consumo. Sarmiento enfatiza que ainda na contemporaneidade, as crianças contribuem nas relações econômicas, não apenas nos países que exploram sua mão de obra.

Mas também entraram pelo lado do marketing com a utilização das crianças na promoção em produtos da moda ou na publicidade ou ainda pelo lado do consumo, como segmento específico, extenso e incrementalmente importante de um mercado de produtos para crianças. (SARMENTO, 2004, p.7).

No Brasil, embora o ECA aponte que “é proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz.” (BRASIL, 2010, p.25). Percebo que as autoridades falam e discutem sobre essa questão, mas ainda falta fiscalização para que essa lei seja cumprida. Sabe-se que o trabalho infantil ainda não foi banido do Brasil. E vem se ocorrendo há muito tempo. Apresento então, o que algumas pessoas que vivenciaram essa realidade na década de 1950 falam a respeito.

4 OS NARRADORES E SUAS LEMBRANÇAS.

Para saber sobre as lembranças do trabalho na infância na roça, analisei dez entrevistas que foram realizadas por projeto da Secretaria de Educação de Criciúma⁴ entre 1999 e 2000

³ A cidade de criciúma teve grandes modificações com a exploração do carvão possibilitando a urbanização e também o desenvolvimento social para a cidade, então a agricultura deixou de ser a principal atividade econômica da região. A atividade carbonífera também trouxe grandes prejuízos para a cidade como rios e as áreas rurais que foram contaminados pelas atividades carboníferas. (COSTA, 2011).

⁴ Trata-se de um projeto que resultou na publicação de dois livros: COSTA, Marli de Oliveira. **Tudo isso eles contavam**. Memórias dos moradores do bairro Santo Antônio – Criciúma – SC -1880/2000. Criciúma: Secretaria Municipal de Educação, 2000.p.: 130 il. COSTA, Marli de Oliveira. **O tempo atravessou a vila**. Memórias dos moradores do bairro Primeira Linha – Criciúma – SC/1892 – 2000. Criciúma: Prefeitura Municipal/ Secretaria da Educação.

pelo grupo de pesquisa de História da Educação-Grupheme⁵ os narradores falavam sobre o assunto, sendo que foram escolhidas quatro, mesmo que em todas houvesse relatos sobre trabalho-infância, quatro delas se destacaram por obter detalhes nas narrativa que focavam uma infância difícil e marcante para essas pessoas. As escolhidas foram:

Quadro 1 – Dados dos entrevistados

Nome do entrevistado.	Data e local de nascimento	Data da entrevista	Entrevistadoras	Cidade	Bairro
Adelina Dal Toé de Costa	22/04/1933 Maracajá SC	2003	Tatiane dos Santos Virtuoso	Criciúma SC	Terceira Linha
Amélia Zanette e Itália Zanette	03/07/1938 E 07/05/1933 Criciúma SC	1999	PR ^o Marcia Rocha Colombo e os alunos Maicon Fernando, Vanessa, Michele e Peterson.	Criciúma SC	Santo Antônio
Maria Belolli Manganelli	15/11/1931 Criciúma SC	1999	Marli de Oliveira Costa, Janice Vasconcelos e alunos da 2a série.	Criciúma SC	Primeira Linha
Tadeu Studzinski	04/12/1930 Criciúma SC	2002	Tatiane dos Santos Virtuoso e Andreane Fátima Tecchio Motta	Criciúma SC	Linha Batista

Fonte: GRUPEME, 1999-2000.

Ao ler as entrevistas das pessoas citadas acima, me deparei com temáticas que é importante abordar, pois traz lembranças sobre o trabalho infantil e a escola, o trabalho infantil e as brincadeiras dessa época, (1930-1950) em que as crianças não tinham seus direitos garantidos, mas ainda assim construía momentos para viverem suas infâncias.

4.1 As crianças trabalham para ajudar na economia familiar.

Nas décadas de 193-1950, era comum muitas crianças filhas de agricultores ou operários trabalharem para ajudar na economia familiar, ou seja, com as despesas que a família tinha. Como boa parte das famílias tinham seu sustento por meio da agricultura, então as crianças também trabalhavam na roça.

Itália Zanette, que viveu sua infância no bairro Santo Antônio em Criciúma, recordou que: “comida sempre teve, a gente trabalhava na roça.” (ZANETTE, 1999). Sua recordação está associada a um tempo em que se vivia para suprir as necessidades, não havia consumo de produtos exagerados e o que não podia faltar em uma família, eram os alimentos.

Na época, as famílias costumavam a trabalhar em suas propriedades e quando a família era maior construía seus próprios engenhos e colocavam atafonas para moer o trigo e o milho, como era o caso da família Zanette, pois a terra era o meio de sobrevivência que envolvia toda família tornando-se uma força única ao trabalho na agricultura (COSTA, 2000).

“As coisas que precisava para casa, assim em casa matava porco e tinha galinha ovos essas coisas” (ZANETTE, 1999), pois como a família era bastante numerosa, a festa de Santo Antônio, padroeiro do bairro que morava tomava conta de sua casa. D. Itália lembra que sua mãe preparava bastante comida uma semana antes da festa e todos vinham comer ali no dia da festa, sendo que as crianças também se envolviam nessa preparação. Se envolviam de tal forma que D. Itália no momento dessa entrevista, com 66 anos ainda recorda. E, recordou a partir do que ficou em suas memórias, pois como reflete Bosi:

A casa onde se desenvolve uma criança é povoada de coisas preciosas que não têm preço. As coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com sua alteridade e tomaram algo do que fomos. Onde está nossa primeira casa? Só em sonhos podemos retornar ao chão onde demos nossos primeiros passos. (BOSI, 2003, p.6).

As lembranças podem fazer as pessoas refazerem o passado, avaliando-o como triste ou alegre. Dona Itália recorda dos momentos de festa, envolvendo familiares e alegrias.

Conforme Arroyo 2015, mesmo nos dias atuais, muitas famílias ainda tem suas crianças como forma de ajuda na renda familiar, pois muitos deles vivem diariamente com a falta de emprego e não tem o mínimo para sua sobrevivência diária, “o trabalho como condição da produção, reprodução e conservação da vida é um dos aprendizados mais precoces em suas vivencias humanas e desumanas.” (ARROYO, 2015, p.23).

Outra entrevistada, Maria Belolli Manganelli, moradora do bairro Primeira Linha afirmou que foi criada na roça, pois os pais iam trabalhar e não tendo com quem deixar seus

⁵ GRUPHEME é um grupo de pesquisas cadastrado pelo CNPQ desde 2000.os pesquisadores e pesquisadoras vêm ao longo dos anos escrevendo, publicando e comunicando sobre a história da educação em Santa Catarina. Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

filhos, os levavam ainda pequenos, “Depois a gente foi criada na roça, debaixo de uma sombra de mandioca, trabalhava num engenho de farinha. Então a gente foi criado, como diz, a mãe debaixo de uma sombra de mandioca.” (MANGANELLI, 1999, p.95).

Desse modo, o contato com o trabalho na roça iniciava para alguns quando eram bebês. Do lugar onde ficavam aguardando seus pais, observavam o ritmo dos instrumentos da lavoura.

Tadeu Studzinski, morador do bairro Linha Batista, colocou que, sempre fazia alguma “coisinha” antes de ir para a escola pois era preciso ajudar a família na agricultura para ter o que comer. Atualmente, sabemos que existem leis que garantem os direitos das crianças, sendo que nem todas são assistidas, mas a maioria delas frequentam a escola sem precisar trabalhar como acontecia na época em que os narradores eram crianças, que depois de chegar da escola tinham que continuar o seu trabalho.

O livro “O tempo atravessou a vila”, reforça como a agricultura fez parte da infância das crianças, pois essas conviviam diariamente com a luta do trabalho para a sobrevivência, “o mato, as arvores e a roça são lugares que trazem muitas recordações para os mais velhos e foi um modo de sobrevivência durante muito tempo.” (COSTA, 2001, p.34).

Para Adelina Dal’Toé, moradora do bairro Verdinho, a infância não foi diferente, pois seu pai tinha olaria e um engenho de açúcar lá no Morro Albino⁶ sendo que tinha um ou dois funcionários e a maior parte era a família que trabalhava.

Conforme Arroyo 2015, o trabalho da criança e do adolescente vem se destacando por meios de estudos frequentes, sobre a infância-adolescente como forma de um trabalho pedagógico “essas infâncias nos obrigam a saber mais sobre as velhas e opressoras formas de viver a infância; sobre os milhões de crianças que não ultrapassam os primeiros anos de vida.” (ARROYO, 2015, p.23).

Então, a sociedade, ainda desconhece parte da realidade que diversas crianças enfrentam com a exploração do trabalho, pois as políticas públicas com seu discurso da “criança como um ser de direitos” não garantem que estas tenham uma vida realmente digna como deveriam ter no meio em que estão inseridas (ARROYO, 2015).

O grupo é vinculado a UNESCO.

⁶ Morro Albino é um bairro próximo ao bairro Verdinho.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESCO

Uma das principais dificuldades das crianças em relação ao seu trabalho na roça, era conciliar o trabalho e a escola.

4.2 As crianças conciliavam trabalho e estudo?

A escola aparece como algo muito importante na vida das crianças, presentes nas entrevistas em análise. Todas as pessoas entrevistadas citam como foi essa passagem da vida no ambiente escolar.

Adelina Dal Toé moradora do bairro Terceira Linha, ao ser perguntada se lembrava da escola onde começou a estudar, lembrou o nome da sua primeira professora e relatou como eram os moveis de dentro da sala de aula. Os detalhes relatados por Adelina, mostra a importância que é lembrar e ser lembrada de como foi a sua infância, “cresce a nitidez e o número das imagens de outrora, e esta faculdade de relembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las as imagens de agora.” (BOSI, 1994, p.81).

Adelina ao ser perguntada se seus pais não se importavam de chegar atrasada na aula Adelina responde: “naquele tempo eles queriam é que a gente trabalhasse, tinha que fazer tudo correndo, dar conta para ir a aula”. Essa fala retrata que os pais da entrevistada, não tinha a preocupação que os filhos frequentassem a escola regularmente, valorizavam mais o trabalho na terra. Todos frequentavam a escola em média de três a quatro anos, pois conciliar escola e trabalho na roça era muito difícil (COSTA, 2009).

Arroyo (2015), fala que o sistema escolar foi tardio em tratar de instruir os trabalhadores sobre a importância de seus filhos frequentarem a escola, pois para as elites o importante era o trabalho servir de escola para todos desde criança. “As elites não confiaram à escola a socialização dos filhos (as) do povo para a condição de subalternos, oprimidos; preferiram submetê-los desde criança aos trabalhos de sobrevivência nos limites.” (ARROYO, 2015, p. 25).

Muitas crianças eram reprovadas, não passavam para o ano seguinte pois faltavam muito por conta do trabalho, mesmo assim muitas não queriam parar de estudar, mas, os pais logo que essas rodavam, não matriculavam mais seus filhos na escola: “rodei muitos anos no

2º e no 3º ano, eu tinha que ir para aula quando chegava tinha que ir para roça, não dava tempo para estudar, então eu não sabia, né”, recorda Adelina Dal Toé.

As pessoas das entrevistas também eram agredidas verbalmente e fisicamente. Os adultos usavam de castigo físico, pois era um meio de corrigir ações que não era aprovada por estes. “Porque a gente não aprendia. Ela explicava, mas não entrava na cabeça. No outro dia tinha que saber, explicar tudo para ela, e a gente não sabia. Aí apanhava, ficava de castigo, de joelho na porta”. (Adelina Dal Toé). (COSTA 2009, p.241). Para muitas famílias o trabalho sempre era mais importante que a escola, as crianças tinham que terminar o serviço na roça e depois ir para a escola e não importava se essas iriam chegar atrasadas na aula. Atualmente o ECA regula essa postura:

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se lhes: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - direito de ser respeitado por seus educadores; III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores; IV - direito de organização e participação em entidades estudantis - acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.(BRASIL, 2010, p.23).

Conforme o artigo citado, as crianças conquistaram muitos direitos, que na década de 1930-1950 não existiam, exemplo disso foi a afirmação de dona Itália, quando colocou em sua entrevista:

[...] toda a vida trabalhando na roça, aí eu estudei até a 1ª série, passei que eu te mostrei (boletim), aí minha mãe me tirou da aula, não deixou e eu queria estudar professora, mas aí ela disse como as outra não estudaram, eu também não aí estudar e não me deixou, porque antigamente só davam preferência para os homens estudarem, as mulheres não davam muito só trabalhar em casa, e eu sempre sonhava de ser professora, e não me deixaram. (ZANETTE, 1999).

Recordar e relatar momentos por meio da memória é importante para quem viveu esse momento, “pela memória construímos nosso passado: recoletamos cenas, desconformamos episódios, distinguimos o ontem do hoje, confirmamos termos experimentando um dado passado. ” (PINTO,1998, p.205).

Dessa forma a história e memória tem diferentes significados, embora suas bases são iguais “o passado”, a memória não é apenas textual, podendo acontecer em diferentes

lugares sendo essas psicológicas, íntimas e subjetivas, recupera a experiência vivida, enquanto a história é um campo de conhecimento de problematização e críticas (PINTO, 1998).

Tadeu Studzinski ao ser perguntado sobre a escola, lembrou que estudou até o terceiro ano e que ia de manhã para a escola e a tarde trabalhava na roça, e que enquanto frequentou a escola não aprendeu nada, pois o trabalho ocupava todo o seu tempo e se tornava cansativo. Essa fala reforça as entrevistas citadas anteriormente onde o trabalho é citado como o vilão da aprendizagem no ambiente escolar. Senhor Tadeu mostra o quanto de responsabilidades tinham de ter para poder ir a escola: “Nós estudávamos meio período, o outro meio período nós trabalhávamos na roça. De manhã na aula então de tarde trabalhava. Antes de ir para a aula sempre tinha que fazer algum trabalho, alguma coisinha para fazer”. (STUDZINSKI, 2002).

Na época da infância de Tadeu Studzinski, Adelina Dal Toé, Maria Belolli Manganelli e Itália Zanette, a evasão escolar era muito frequente por diversos fatores, além do trabalho na roça existiam outros que na ocasião eram ignorados por conta das situações de cada família.

Conforme Arroyo (2015), enquanto os estudos das políticas pedagógicas continuar omitindo a realidade que envolve o trabalho infantil e o desemprego e a diferença gritante entre classes sociais tomarem conta da sociedade, teremos uma geração de alunos com grande número de evasão escolar, submetidos a tensa relação entre trabalho e sobrevivência, levando o corpo docente a acreditar que essa exploração do trabalho infantil não será extinta por completo.

Entretanto, os estudos e as políticas sobre acesso e permanência, aprovação-reprovação, ou resultados nas médias de avaliação oficial não destacam essa realidade persistente da precarização de seu viver e da inserção de milhões de crianças-adolescentes na reprodução mais elementar de seu viver submetidos à exploração pelo trabalho. (ARROYO, 2015, p.23).

No entanto, apesar das dificuldades que os entrevistados e entrevistados enfrentavam no cotidiano, recordaram como era possível brincar e inventar brincadeiras enquanto trabalhavam ou como arranjavam tempo para brincar em uma época de poucos recursos e uma infância curta.

4.3 As crianças inventavam brincadeiras na roça.

A fase da vida em que se é criança tem suas particularidades e brincar faz parte do desenvolvimento, sendo que, este não é um caminho linear para todas.

Embora num exame superficial possa parecer que o brinquedo tem pouca semelhança com atividades psicológicas mais complexas do ser humano, uma análise aprofundada revela que as ações no brinquedo são subordinadas aos significados dos objetos, contribuindo claramente para o desenvolvimento das crianças. (KOLL, 2010, p.69).

A brincadeira faz parte do mundo da criança e da construção da infância que, embora não se perceba, tem uma função muito importante para a mesma sendo por meio dela que a criança cria, imagina, faz de conta e se desenvolve (KOLL, 2010).

As crianças desse estudo também necessitavam das brincadeiras, e mesmo que passem a maior parte do tempo envolvidos no trabalho na roça e outros afazeres, inventavam suas brincadeiras. Adelina Dal Toé ao relatar sobre as suas brincadeiras falou do que brincava: “De roda, de casinha, de cozinhadinho, era o que nós fazíamos, não tinha nada para fazer”, mas o dia que mais brincava era no domingo o dia inteiro” Por sua vez Itália Zanette também falou sobre suas brincadeiras, e pode-se perceber que eram semelhantes a de Adelina.

As brincadeiras eram de correr de cozinhadinho, aí no fim a gente se brigava, como era bom. Eu brincava com a Pretinha, a Mariquinha da D. Constantina, então a gente fazia os cozinhadinhos, aí chegava no fim a gente já começava a brigar, mas era gostoso. Todo Domingo a gente fazia isso, a gente brincava de bandeira, de correr, de pegar. (ZANETTE, 1999).

Os relatos mostram que as crianças não tinham muito tempo para brincar durante a semana, pois acordavam cedo e trabalhavam na roça e depois iam a escola. ” Para brincar, não dispunham de muito tempo, visto que acordavam com o “cantar dos galos”, na madrugada, para o trabalho na roça. Estudavam um pouco e brincavam apenas de noite, após um banho no rio, quando era verão. ” (COSTA, 2000, p.50).

As brincadeiras são de fundamental importância para o desenvolvimento infantil, pois essa é uma das formas que relacionam as crianças com o meio onde está inserida. Assim

os eixos curriculares garantem também que essas práticas na escola: “incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza.” (BRASIL,2010, p.26).

No entanto, no período estudado as crianças ainda não tinham as leis garantidas, mal frequentavam a escola essencial para elas. Voltando as lembranças, para Maria Belolli Manganelli, também não foi diferente.

Nós brincava de noite na rua. Porque só de noite não tinha nada, brincava. Nós e brincava de esconder, brincar com aquelas, fazia aquelas traves para pular por cima, jogar bola, nós também jogava bola. Mas a nossa brincadeira mais era pular trave. Nós jogava bola na escola, era aquela bolinha de pano, fazia bola de pano, não era bola de borracha, não. Aí uma jogava para a outra, saía correndo, depois brincava de esconder. Boneca feita de pano, a minha mãe bordava os olhos com linha preta, feita de pano velho, né. Nunca ganhei boneca de plástico, nunca. Nós brincávamos muito com essas bonecas de pano.

Mesmo que as crianças dessa época tivessem pouco tempo para brincar, os narradores lembram como algo muito significativo para sua infância nos anos estudados pois se tornava um momento prazeroso onde se sentiam realmente que eram crianças.

Brincar é uma aprendizagem, uma aprendizagem que se baseia na imaginação e enriquece. A criança tem potencial imaginativo e aprende a brincar brincando, e esse é aprendido por meio de vários fatores: através de relações interpessoais que dependem basicamente de afeto e emoção; através da linguagem e através do uso de objetos mediadores. (FANTIN, 2000, p.83).

Em todas as falas sobre brincadeiras pode-se perceber que era um momento prazeroso para os narradores, mesmo que fosse por pouco tempo citaram as brincadeiras como algo que acontecia naturalmente e que é diferente das brincadeiras das crianças de hoje, “a gente podia brincar dentro de casa, porque hoje bota móveis dentro de casa e nem deixam uma criança brincar, né, antigamente não, a gente corria dentro de casa, tinha uma cômoda, não existia guarda roupa, baú, nós temos um ali ainda embaixo do porão”, recordou Itália Zanette. É visto que nos dias atuais, século XXI, a tecnologia tomou conta da sociedade e tudo é produzido em torno dessa, conseqüentemente as infâncias são diferentes.

As tecnologias, em todos os tempos, alteraram as formas de retentiva e lembrança, funções usuais com que os homens armazenam e movimentam suas memórias humanas, seus conhecimentos. Na atualidade e acesso das tecnologias de comunicação não apenas alteram as formas de armazenamento e acesso de memórias humanas como, também, mudam o próprio sentido do que é memória. Através de imagens, sons e movimentos apresentados virtualmente em filmes, vídeos e demais equipamentos eletrônicos de comunicação, é possível a fixação de imagens, o armazenamento de vivências, sentimentos, aprendizagens e lembranças que não necessariamente foram vivenciadas in loco pelos seus espectadores. (KENSKI, 1997, p.59).

Mesmo que hoje as infâncias se modificaram, as brincadeiras que predominavam a infância nos anos estudados ficaram na memórias dos narradores, assim como o trabalho a vida difícil e a tristeza de muitos que não concluíram a escola, mas com momentos marcantes.

5 CONCLUSÃO

O artigo buscou compreender como as pessoas entrevistadas lidavam com o trabalho na roça, conciliando brincadeiras e estudos. Para tanto foi necessário perceber em que momento da história as crianças passaram a ser percebidas em suas particularidades.

Vimos, que no ocidente a mudança para com as crianças foi identificada pelo historiador Phillipe Ariés, a partir do século XV. No século XX, as crianças passaram a ser alvo de preocupação das autoridades, especialmente em função da alta taxa de mortalidade. No Brasil foram criados vários programas relacionados a infância a partir de 1922. Nos dias atuais, as leis que garantem o direito das crianças são mais completas e evidentes pela sociedade, mesmo assim o trabalho infantil não foi extinto por completo, mas teve grandes avanços em comparação a séculos passados. No Brasil a lei que tenta assegurar os direitos das crianças é o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Neste artigo foi possível trazer algumas lembranças de pessoas que trabalharam na agricultura na infância nos anos de 1930 a 1950. Nos relatos obtidos por meio de pesquisas em história oral e transformada em documento com pessoas que moravam em Criciúma, pode-se perceber que todos os narradores citados neste trabalho viveram sua infância de modo parecido, pois todos trabalhavam na roça e estudavam com muita dificuldade. Alguns nem

conseguiam chegar ao terceiro ano do ensino primário, pois o trabalho na roça e outros afazeres lhes tomavam muito tempo e a agricultura era o principal meio de sobrevivência da maioria das famílias, sendo que envolvia à todos.

As políticas públicas desde a implantação do ECA, tem sido rigorosa quanto ao trabalho na infância, mesmo assim, ainda hoje a pratica do trabalho infantil é frequente, pois algumas crianças nascem em um contexto onde o trabalho significa a sobrevivência, sendo essa realidade ignorada, refletindo no cotidiano das crianças e também no ambiente escolar.

As lembranças de infância analisadas neste artigo, mostram que todas tiveram seus momentos de alegria como festas, família reunida, brincadeiras, etc., e de tristeza, do trabalho precoce, evasão escolar, humilhações, luta pela sobrevivência etc. Então com esses relatos sobre uma infância de trabalho, ficou evidente que se teve muitas conquistas em relação ao trabalho infantil, no entanto ainda há muito a ser feito, pois ainda predomina a desigualdade econômica e social.

6 REFERÊNCIAS:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo. Editora Moderna, 1989. P. 96-102

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de. Janeiro: LTC, 1981. AZEVEDO, Cecília; Maria R. C. de Almeida.

ARROYO, Miguel G. **A infância repõe o trabalho na agenda pedagógica**. ARROYO, Miguel G.; VIELLA, Maria dos Anjos L.; SILVA, Maurício Roberto da. (org) Trabalho Infância exercícios tensos de ser criança: Haverá espaço na agenda pedagógica. Petrópolis: Vozes, 2015.p.21-53.

ARROYO, Miguel G. **A infância interroga a pedagogia** (infância única ou infâncias). In: GOUVEIA, Maria Cristina Soares e SARMRNTO, Manuel. **Estudos da infância: Educação e pratica sociais**. RJ: Vozes, 2009.p. 130-131.

BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sônia. **Infância, Educação e Direitos Humanos**. São Paulo: Cortez, 2003.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**/ Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. 36 p.: il.

BRASIL, **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

COSTA, Marli de Oliveira. **Infância e “artes” das crianças: memórias, discursos e fazeres** (sul de Santa Catarina - 1920 a 1950). 2009. 293 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2009.

_____. **O Tempo Atravessou a Vila. Memórias dos Moradores do Bairro Primeira Linha** – Criciúma – SC/1892- 2001. Criciúma: Prefeitura Municipal/ Secretaria da Educação.

_____. **Tudo isso eles contavam. Memórias dos moradores do bairro Santo Antônio** - Criciúma – SC- 1880/2000. Criciúma: Secretaria Municipal de Educação, 2000.p.: 130 il.

FANTIN, Mônica. **No mundo da Brincadeira**. Jogos brinquedos e cultura na Educação infantil. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

FERREIRA, António Gomes. **A difusão da escola e a afirmação da sociedade burguesa**. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 9, p. 177-198, 2005.

KENSKI, Vani Moreira. **Novas tecnologias**: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: n.8, p58-71, maio/ago., 1998

KOLL, Marta de Oliveira. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2010.

KUHLMANN Júnior, Moysés. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica, Porto Alegre: Mediação, 1998.

KUHLMANN JR., M., FERNANDES, R. **Sobre a história da infância**. In: FARIA Filho, L.M.(org). **A infância e sua educação: materiais, práticas e representações** (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autentica, 2004, p. 15-33.

PINTO, Júlio Pimentel. **Os muitos tempos da memória**. Projeto História (PUCSP), São Paulo, v. 17, p. 203-212, 1998.

SARMENTO, Manuel Jacinto (2004). **“As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade”**, in Sarmento, Manuel J. e Cerisara, Beatriz, **Crianças e Miúdos – Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto, Edições ASA.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC